



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

MEIRE CÉLIA PASSOS NASCIMENTO

**LETRAMENTO, ANALFABETISMO FUNCIONAL E O SISTEMA
SCLIAIR DE ALFABETIZAÇÃO**

ITABAIANA/SE

2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

MEIRE CÉLIA PASSOS NASCIMENTO

**LETRAMENTO, ANALFABETISMO FUNCIONAL E O SISTEMA
SCLIAI DE ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em LETRAS - Língua Portuguesa da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em LETRAS - Língua Portuguesa.

Prof. Dr^a. Mariléia Silva dos Reis

ITABAIANA/SE

2018

MEIRE CÉLIA PASSOS NASCIMENTO

**LETRAMENTO, ANALFABETISMO FUNCIONAL E O SISTEMA
SCLAR DE ALFABETIZAÇÃO**

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado à obtenção do título Licenciado em LETRAS - Língua Portuguesa e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em LETRAS - Língua Portuguesa na Universidade Federal de Sergipe.

Itabaiana/SE, 09 de março de 2018.

Professora Mariléia Silva dos Reis (Presidente)

Universidade Federal de Sergipe

Professora Ana Cláudia Silva Fontes (Avaliadora)

PROFLETRAS – Universidade Federal de Sergipe

Professora Márcia Regina Curado Pereira Mariano (Suplente)

Universidade Federal de Sergipe

*“Superar é preciso.
Seguir em frente é essencial
Olhar pra trás é perda de tempo
Passado se fosse bom era presente.”*

Clarice Lispector

AGRADECIMENTOS

Agradecimento especial ao meu Deus, que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Aos amigos que me apoiaram, incentivaram e torceram para que o fim deste trabalho fosse contemplado com sucesso.

À minha orientadora, Professora Dr^a Mariléia Silva Reis, pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho. Obrigada de coração.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

O processo de alfabetização e letramento da criança perpassa por diversas discussões ao longo da história da educação brasileira. Segundo alguns pesquisadores, este processo deve estar ligado entre si. A escola como espaço de convivência precisa desenvolver práticas de leitura e escrita que incentivem o uso da leitura e da escrita além dos muros escolares. Um dos métodos recentes sobre esse assunto é o Sistema Scliar de Alfabetização que se fundamenta na área da neurociência e que propõe (re) pensar a maneira de como os professores alfabetizadores ensinam e motivam os alunos para tais competências nas séries iniciais. O objetivo do trabalho é apresentar um breve panorama do analfabetismo no Brasil, acerca de como o mesmo se encontra em relação ao letramento e a própria alfabetização, bem como discorrer sobre a visão de alguns autores a respeito da importância da leitura e da escrita, como forma de reduzir o analfabetismo funcional no país.

Palavras-chave; alfabetização, letramento, analfabetismo funcional e Sistema Scliar de alfabetização.

ABSTRACT

The process of literacy and initial reading instruction of children running through several discussions throughout the history of Brazilian education. According to some researchers, this process should be linked to each other. The school as a space for coexistence needs to develop reading and writing practices encouraging the use of reading and writing beyond school walls. One of the recent methods on this subject is the Scliar's literacy system which is based in the area of neuroscience and proposes (re) thinking the way how teachers teach literacy and motivate students for such skills in the early grades. The objective of this work is to present a brief overview of illiteracy in Brazil, about how it is in relation to initial reading instruction and the literacy, as well as talk about the vision of some authors about the importance of reading and writing as a way to reduce functional illiteracy in the country.

Keywords: literacy, initial reading instruction, functional illiteracy and Scliar's literacy system

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Matriz de Língua Portuguesa – Leitura.....	21
Quadro 02 - Matriz de Língua Portuguesa – Escrita.....	23
Quadro 03 - Proficiência em escrita SAEB/ANA 2016.....	23

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	9
1.2. OBJETIVOS	10
1.2.1. Objetivo Geral	10
1.2.2. Objetivos Específicos	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1. ANALFABETISMO NO BRASIL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	11
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS.....	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	266

1 - INTRODUÇÃO

O processo de alfabetização e letramento da criança perpassa por diversas discussões ao longo da história da educação brasileira, pois segundo estudiosos, este processo deve estar ligado entre si. A escola como espaço de convivência precisa desenvolver práticas de leitura e escrita, que incentivem a prática social e da leitura e escrita além dos muros escolares.

Letramento, segundo Kleimam (2007), refere-se à apropriação do aluno das competências e habilidades do ato de ler e escrever, ou seja, é o uso da leitura e da escrita para uso social, fomentando consequências (políticas, sociais, econômicas, culturais...) para indivíduos e grupos que se apropriam da leitura e da escrita, utilizando como meio de expressão e comunicação social na sociedade.

No sentido mais literal da palavra, letrado é alguém que se apropriou suficientemente da escrita e da leitura a ponto de usá-las com desenvoltura, com propriedade, para dar conta das situações sociais e profissionais. Se considerarmos a realidade da sociedade contemporânea, fica claro que apenas dominar mecanicamente a leitura e a escrita não é suficiente para participar ativamente deste contexto, em razão disso, surgem movimentos que defendem a necessidade de associar ao processo da alfabetização, o letramento na perspectiva de fazer deste processo um momento de aprendizagem de conhecimentos socialmente necessários.

No que se refere ao tempo escolar dos anos iniciais do Ensino Fundamental, período decisivo para o processo da alfabetização, o letramento teria que ser entendido muito mais como uma forma de ampliação do próprio entendimento da alfabetização ou como modo de complementar este processo.

O letramento, dessa forma, para Kleimam (2007), se configura conforme o objetivo de provocar a reflexão sobre a escrita nas suas mais distintas especificidades no processo de ensino e aprendizagem considerando os aspectos sociais da língua escrita. Assim, assumir o letramento, segundo a autora, no espaço escolar é adotar o processo de alfabetização no processo social da escrita, fazendo uso da linguagem em detrimento a uma concepção tradicional que considere a aprendizagem de leitura e produção textual, a um percurso de habilidades de aprendizagens individuais.

A formação do leitor ou do escritor tem início no seu processo de inserção no mundo comandado pela linguagem e, mais especificamente no período que estes conhecimentos, leitura e escrita, são objetos centrais da prática educativa, ou seja, nos três primeiros anos do

Ensino Fundamental, quando o ensino é direcionado intencionalmente para estas aprendizagens. Os defensores da inclusão do conceito de letramento advertem que não é a aquisição do sistema da escrita em si que desenvolve o intelecto, mas o seu uso na multiplicidade de funções. A escrita, portanto, afeta a maneira de pensar nos processos de leitura, na interpretação, na discussão e na produção de textos.

O letramento é debate internacional e surgiu a partir das reflexões em torno do analfabetismo, quando se observou que embora as crianças saíssem da escola alfabetizadas, esta aprendizagem não lhes dava condições de inserir-se de forma efetiva na sociedade. Logo, surge o letramento para dar continuidade ao processo que a criança já vinha construindo antes do ingresso da escola, pois vivia numa sociedade letrada e já interagía com as várias linguagens disponíveis na sociedade e, também por conviver e interagir com pessoas que já lidavam com estas linguagens para suprir as faltas ou lacunas do processo de alfabetização.

Pensando nesse mal que atinge a educação população brasileira em larga escala, o presente trabalho, visa conhecer a situação em que se encontra a categoria do letramento e discorre acerca da importância, da leitura e da escrita propriamente ditos, como a outra face da alfabetização. Para tanto se faz necessária uma revisão bibliográfica, bem como reconhecer os déficits provenientes do analfabetismo funcional e dos métodos de alfabetização mais atuais que tentam amenizar a precariedade do processo de alfabetização do ensino brasileiro. A saber: O sistema Scliar de Alfabetização que é o fundamento mais recente na área da neurociência que vem para (re) pensar a maneira de como aos professores alfabetizadores estão ensinando e motivando os alunos nas séries iniciais. Sistema este, que apresenta uma metodologia pedagógica nova ocupando-se de entender as dificuldades que a criança tem em aprender o sistema alfabético.

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. Objetivo Geral

Apresentar um panorama do analfabetismo no Brasil, acerca de como o mesmo se encontra em relação ao Letramento e a própria alfabetização, bem como discorrer sobre a visão de alguns autores a respeito da importância da leitura e da escrita, como forma de reduzir o analfabetismo funcional no país.

1.2.2. Objetivos Específicos

- Apresentar a relação entre alfabetização e letramento.
- Mostrar a importância do letramento, da leitura e da escrita propriamente ditos, como um sentido ampliado da alfabetização.
- Refletir sobre o conceito de letramento na prática educativa.
- Contribuir para o debate sobre as condições de letramento no Brasil.
- Apresentar o Sistema Scliar de Alfabetização como metodologia de aprendizagem inicial da leitura para amenizar o analfabetismo funcional no Brasil.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Analfabetismo no Brasil: algumas considerações

O analfabetismo tem raízes em séculos atrás no Brasil e continua sendo reproduzido nos dias atuais. Ferraro (1985) afirma que ele é produzido social e historicamente. Nesse contexto, se faz imprescindível buscar um significado para o termo analfabetismo, uma vez que ele se tornou corriqueiro dentro da realidade brasileira.

Em 1980, a Unesco definia como analfabeta a pessoa “incapaz de exercer todas as atividades para as quais é necessário saber ler” (apud Garcia, 1990, p. 16) esta definição entende o analfabeto como aquele indivíduo que desconhece o sistema alfabético mesmo em suas mínimas habilidades como o reconhecimento das letras ou do sistema matemático.

De outro modo, nas estatísticas apresentadas pelo IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o termo analfabeto refere-se a pessoa que declara não saber ler e escrever um bilhete simples no idioma que conhece, além da inclusão daquelas que relatam que aprenderam a ler, mas esqueceram (IBGE, 2001).

Os formulários dos censos, até 1940, definiam a pessoa como analfabeta ou alfabetizada perguntando-lhe se sabia assinar o nome, pois a condição sócio-político-cultural da época exigia apenas esse nível de conhecimento de grande parte da população. A partir do censo de 1950, até o de 2000, a pergunta passou a ser: “sabe ler e escrever um bilhete simples?”. A pergunta indica preocupação com o uso social da escrita e não mera confirmação de saber escrever ou desenhar somente o próprio nome, o que já é um avanço. Segundo o Boletim INAF (2007, dez):

Em 2007, na faixa etária dos brasileiros de 15 a 64 anos existiam: 7% de analfabetos absolutos; no nível rudimentar, 25% e no nível básico, 40%. Apenas 28% conseguiram o nível pleno de alfabetização. Decididamente, 32% dos brasileiros não têm as condições mínimas para o exercício da cidadania, nem para refazer a leitura de mundo, a partir da leitura da palavra (FREIRE, 2002, p. 54).

E a partir deste contexto surge o termo Analfabetismo funcional que se refere-se ao indivíduo que não foi alfabetizado, no sentido amplo da palavra. Nos referimos ao indivíduo com este termo, porque apesar ter- lhe sido apresentado às letras e ele saber ler, apenas decodifica a palavra, tal indivíduo não compreende o sentido e não consegue interpretá-la.

“O conceito de analfabeto funcional, como o próprio adjetivo indica, deve, contudo, repousar sobre a falta de competência do indivíduo para ler e escrever os textos dos quais necessita em sua vida cotidiana familiar, social e de trabalho”. (Scliar-Cabral, 2013, p.27).

Ferreiro (1993, p. 16) também questiona seriamente a atuação escolar como mantenedora do analfabetismo e deixa claro que a solução não é uma questão de organização de campanhas de alfabetização, pois, por mais bem-sucedidas que sejam, “não há garantias de se alcançar porcentagens de alfabetização altas e duráveis enquanto a escola primária não cumprir eficazmente sua tarefa alfabetizadora. Na medida em que a escola primária continuar expulsando grupos consideráveis de crianças que não consegue alfabetizar, continuará reproduzindo o analfabetismo dos adultos”.

O analfabetismo funcional no Brasil tem crescido consideravelmente e atingiu números alarmantes e preocupantes pelos alunos brasileiros, embora os números de matrículas escolares tenham dado um salto, as altas taxas de analfabetismo funcional colocam nossa maneira de ensinar e avaliar nossos alunos em questão. Há muito a (re) pensar sobre as práticas pedagógicas da maioria das escolas brasileiras.

2.2. O combate do analfabetismo funcional na Escócia

Alguns programas têm tido resultados positivos e alcançados índices de alfabetização jamais imaginados, um exemplo a ser citado é o Programa Iniciativa de Intervenção Precoce (*Early Intervention Initiative -EII*), desenvolvido pelo Conselho do Condado Oeste de Dunbartonshire, na Escócia.

O programa possui práticas de intervenção no processo de alfabetização Montessoriano que apresenta em seu método atividade, individualidade e liberdade como base do método.

O método Montessoriano é um processo de educar, em que são aplicados a crianças normais, uma série de atividades que valorize o potencial criativo que a criança possui na primeira fase de vida. Para cada fase da criança, ela deve ser estimulada a novas experiências em um ambiente que seja favorável e desperte nela a vontade de interagir com o mundo e amplie o seu poder criativo de reinventar, estimulando a capacidade de aprender e que respeite fatores como o tempo e ritmo, personalidade, liberdade e individualidade dos alunos. Além de um ambiente propício ao desenvolvimento dos estímulos da criança, a preparação do profissional, do professor que saiba motivar as crianças a obter esses estímulos também é muito importante.

As estratégias do plano de trabalho do programa (Education Guardian, 2007) consistem em:

- Ênfase na educação infantil;
- Desenvolvimento da consciência fonológica na pré-escola;
- Uso do método fônico sintético e Enfoque multissensorial de Montessori;
- Material pedagógico elaborado a partir de pesquisas (*Jolly Phonics*);
- Atividades de intervenção, com equipe de professores especialmente treinados;
- Avaliação e monitoria contínuas;
- Tempo extra para a leitura no currículo;
- Assessoria às famílias;
- Implementação de um entorno de letramento na comunidade;

Em junho de 2007, o programa recebeu o prêmio do *Municipal Journal* pela maior conquista em assistência à criança no Reino Unido (West Dunbartonshire Council, 2007). Os incentivos dispensados pelo governo ao projeto fizeram bastante diferença no trabalho, desde que o programa começou 60.809 crianças foram alfabetizadas. O trabalho efetivo de especialistas e assessores que buscam o máximo envolvimento da família e o trabalho com currículo escondido que consiste em conhecer e fazer uso do aluno traz de bagagem de casa, da comunidade onde está inserido são atitudes que fazem a diferença neste programa.

O ensino da fônica foi um destaque desse programa que dá ênfase nas habilidades de decodificar (ler) e a codificar (escrever/ ortografar) a escrita. Nota-se então, que o êxito deste programa deve-se à importante atitude das instituições responsáveis pela educação que se mostraram comprometida em fazer parcerias com outros profissionais especializados no

intuito de reformular os currículos e que esses pudessem efetivamente contribuir para a vida social aluno. Como afirma a pesquisadora Leonor Scliar-Cabral, tal projeto

Implica a presença não só de pedagogos e psicólogos altamente especializados, como o concurso de neurocientista, linguísticas e fonoaudiólogos, que deverão se ocupar da reformulação dos currículos, da formação continuada do magistério, das práticas escolares, do material pedagógico, da avaliação periódica e da recuperação dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita. (2013, p. 33).

Vê-se, portanto, que há um longo percurso a ser feito por todos os envolvidos no sistema educacional brasileiro, cujas unidades de ensino podem contar apenas, em sua maioria, com o gestor escolar e o quadro de docente em sala de aula. Casos de especialistas em educação atuando em espaços escolares são raros.

2.3. Letramento

A conceituação de letramento nos países desenvolvidos, refere-se as práticas sociais de leitura e escrita que assumiam um problema relevante no contexto de que a população embora alfabetizada, não dominava as habilidades de leitura e de escrita necessárias para uma participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua escrita. A discussão tem sido intensa nos últimos anos, em relação aos problemas da aprendizagem inicial da escrita, o domínio precário de competências de leitura e de escrita necessárias para a participação em práticas sociais letradas e as dificuldades no processo de aprendizagem do sistema da escrita.

Na metade da década de 1980, no Brasil, vários pesquisadores que trabalhavam com as práticas de uso da língua escrita sentiram falta de um conceito que se referisse a esse aspecto sócio- histórico do uso da escrita associada à palavra alfabetização.

Em meados de 1980, surge o termo *letramento* no Brasil, logo, tornou-se foco de discussão nas áreas da educação e da linguagem o que se evidencia no grande número de artigos e livros voltados para o tema. Além da alfabetização, este conceito de cunho interdisciplinar com foco no âmbito social, cognitivo e linguístico. Letramento, portanto, é um processo amplo que torna o indivíduo capaz de utilizar a escrita de forma deliberada nas situações sociais. Esta é uma palavra e conceito recente, introduzido na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento é interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e

práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassam o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível da aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização. (SOARES, 2004, p. 20).

Com as transformações conceituais oriundas desta nova percepção do ato de alfabetizar, tanto dentro como fora da escola, houve a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as tradicionais práticas de ler e de escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita. No entanto, o termo letramento se deu por caminhos diferentes daqueles que explicam o termo em outros países. No Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada ao conceito de alfabetização, em que os dois processos devem caminhar juntos. Através do Letramento, passou-se a entender que, nas sociedades contemporâneas, era insuficiente o mero aprendizado das “primeiras letras”, e que integrar-se socialmente, envolve também saber utilizar a língua escrita nas situações em que esta é necessária, lendo e produzindo textos.

2.4. Alfabetizar letrando nas séries iniciais: o papel da escola

Alfabetizar letrando nas séries iniciais é desenvolver ações significativas de aprendizagem sobre a língua, de modo a proporcionar situações em que a criança possa interagir com a escrita a partir de usos reais expressos nas diferentes situações comunicativas, desde a educação infantil. Isto implica levar para a sala de aula uma diversidade textual que possibilite às crianças refletirem sobre a língua na qual se escreve a norma culta ou padrão.

Em todos os anos de escolarização, as crianças devem ser convidadas a ler, produzir e refletir sobre textos que circulem em diferentes esferas sociais de interlocução. Mas alguns podem ser considerados prioritários como os gêneros da esfera literária; esfera acadêmica/escolar e os da esfera midiática destinadas a discutir temas relevantes (PNAIC-ANO 1, UNIDADE 1, p.32). Logo, a variedade de gêneros textuais é primordial para a perfeita execução do letramento, cabendo ao profissional oferta-lo ao aluno e incentivar a leitura e a escrita de tais gêneros textuais a fim de que os resultados sejam alcançados.

Assumir esta responsabilidade significa ensinar de fato a língua escrita, e para isto é necessário que os educadores alfabetizem letrando desde as séries iniciais, começando o ensino da língua escrita em contextos de letramento. O processo de alfabetização, desse modo, ocorre na perspectiva do letramento, sendo este usado para atender as demandas sociais em que não basta aprender ler e escrever, mas faz-se necessário utilizar, de maneira competente, compreendendo a função de ambas em contextos sociais. Neste sentido,

retornando as pesquisas da educadora Magda Soares (2004), ela realça as especificidades inerentes aos processos educativos de alfabetizar e letrar, evidenciando que ambos são processos distintos, porém indissociáveis, considerando que o acesso ao mundo da escrita ocorre de maneira simultânea pelos caminhos da alfabetização e do letramento.

Nessa mesma perspectiva, é importante que as crianças interajam com os adultos alfabetizados, com a leitura e a produção de textos, mesmo antes de estarem alfabetizados convencionalmente. Crianças cujos pais leem regularmente e exploram com elas os textos narrativos, não só aprendem a ler com mais facilidade como se revelaram bons escritores no término de sua trajetória escolar, ler e escrever textos significativos, num ambiente onde o educador cria oportunidades para as crianças o conhecimento prévio, pois embora pequenas, as crianças levam para a escola o conhecimento que advém da vida.

[...] essa introdução ao mundo da escrita, na escola, não se caracteriza como um momento inaugural de entrada em um mundo desconhecido: embora ainda “analfabeta”, a criança já tem representações sobre o que é ler e escrever, já interage com textos escritos de diferentes gêneros e em diferentes portadores, convive com pessoas que leem e escrevem, participa de situações sociais de leitura e de escrita [...] (SOARES, 1999, p. 69).

O trabalho com textos na alfabetização é necessário para enfocar os dois aspectos da aprendizagem da língua escrita, assim o aluno alfabetizado e letrado tem possibilidade de utilizar a escrita nas diferentes situações do cotidiano. Participar de práticas sociais de leitura e escrita é importante não só para o processo de alfabetização, mas também para a apropriação da língua escrita em situações reais de uso. Desse modo, a alfabetização na perspectiva do letramento deve evidenciar a importância do trabalho com os diversos gêneros textuais, com base nos diferentes suportes de leitura.

É necessária uma proposta pedagógica que dê suporte ao pleno desenvolvimento desses aspectos envolvidos na aprendizagem da leitura e da escrita desde o início da escolaridade, para proporcionar ao aluno as formas de utilização da escrita para diferentes finalidades. A partir das situações de letramento presentes em seu cotidiano, uma vez que os textos apresentam situações comunicativas diferenciadas, é possível o aluno compreender que a estrutura e a organização dos textos estão relacionadas a diferentes funções que exercem nas práticas cotidianas da realidade, ou seja, uma carta, uma receita culinária, uma bula, um anúncio de jornal, um bilhete, um folheto informativo, dentre outros suportes textuais, apresentar funções e usos distintos e de acordo com específicas situações.

Assim, ratifica-se que a premissa que as práticas pedagógicas que favorecem o letramento:

[...] além de aperfeiçoar as habilidades já adquiridas de produção de diferentes gêneros de textos orais, levar à aquisição e ao desenvolvimento das habilidades de produção de textos escritos, de diferentes gêneros e veiculados por meio de diferentes portadores [...] (SOARES, 1999, p. 69).

O papel da escola, a mais importante das agências de Letramento, ao introduzir no ser humano o letramento como prática social, mostra o campo da escrita como um processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico) processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua, como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes (KLEIMAN, 1995, p. 20)

Seguindo este viés, o Letramento, atualmente, é um discurso que adentrou ao ambiente escolar a exemplo dos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacional) de Língua Portuguesa, o qual define “a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos” (BRASIL, 1997, p. 33). Ou seja, os currículos escolares devem abordar em suas práticas pedagógicas a leitura tendo como base a informação, em que esta, possibilita ao cidadão a inserção em diferentes ambientes. Logo, a escola como espaço de convivência social e de aprendizagem deve dispor de um currículo aberto com propostas de leitura e escrita, que propicie o desenvolvimento das competências e habilidades necessárias à prática social da leitura e da escrita.

A formação do aluno como competente leitor e produtor de texto, em nossas escolas públicas e particulares, ainda se coloca como um dos grandes objetivos a serem alcançados, pois o Brasil dispõe de uma alta taxa de analfabetismo funcional, e baixos rendimentos em avaliações de larga escala a exemplo da ANA (Avaliação Nacional de Alfabetização), a qual surgiu a partir da criação do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização da Idade Certa) como meio de enfrentamento dos desafios educacionais postos à alfabetização das crianças no 3º ano do ensino fundamental ; produzir indicadores sobre a condições de oferta de ensino em consonância com as metas e políticas pedagógicas estabelecidas pelas diretrizes e educação nacional.

2.5. Sistema Scliar de alfabetização

Pensando em combater os altos índices de analfabetismo no Brasil, tomo de ousadia em falar sobre o Sistema Scliar de Alfabetização combater o analfabetismo funcional.

Esse sistema preocupa-se em compreender como o cérebro aprende a ler e como funciona os processos que habilitam a leitura. Os neurônios têm que aprender como os códigos subjacentes funcionam visto que a aquisição oral ela é espontânea e acontece de forma natural quando a crianças não apresentam nenhum tipo de impedimento na aprendizagem. Como afirma a autora do sistema:

As principais conclusões de tais pesquisas são de grande valia para se repensarem os métodos de alfabetização e o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, além de nos esclarecerem sobre as dificuldades que os alunos apresentam, decorrentes de distúrbios de atenção ou da dislexia (SCLiar, 2013, p.41).

O processo da leitura, segundo a Leonor Scliar Cabral, está associado ao princípio de que as letras não devem ser apresentadas individualmente porque nosso cérebro é capaz de reconhecer e distinguir o significado da palavra. Quanto mais associações forem expostas às crianças, mais as regiões do cérebro que processam a linguagem verbal serão eficazes quanto ao ensino – aprendizagem. Isso ocorre devido, a região do cérebro chamada de occipitotemporal ventral esquerda (hemisfério esquerdo) ter a capacidade, função de reconhecer as invariantes dos traços que constituem as letras.

Trabalhe o reconhecimento dos traços que diferenciam as letras entre si sempre com os valores que uma ou duas letras (grafemas) têm para representar os fonemas, ambos para distinguir significados. Por exemplo, ao acrescentar um traço vertical à esquerda e outro à direita da letra V, você distingue VALA de MALA.” (SCLiar, 2013, p.47).

Nesse sentido, a aquisição do sistema oral se dá de forma natural e espontânea nas crianças que não sofreram danos cerebrais de qualquer natureza: as primeiras palavras ocorrem por volta de um ano de idade em oposição ao sistema escrito que necessita de um contexto de ensino sistemático e que depende de um sistema escrito que necessita de um contexto de ensino sistemático e que depende de um processo maturacional maior por parte da criança, tanto no que tange os aspectos linguísticos quanto o emocional. Ao tratarmos do desenvolvimento da linguagem, podemos fazer uma distinção entre processos de aquisição e de aprendizagem, no tocante à língua oral e a língua escrita. Adquire-se língua oral e aprende-se a língua escrita.

Segundo Scliar, pesquisadora na prática de alfabetizar até o 3ºano, a maior dificuldade que uma criança tem para aprender o sistema da escrita é a de que ela tem em sua mente que a fala é uma continuidade, ou seja, escrevemos como falamos, sem separação entre as palavras e nem entre consoantes e vogais.

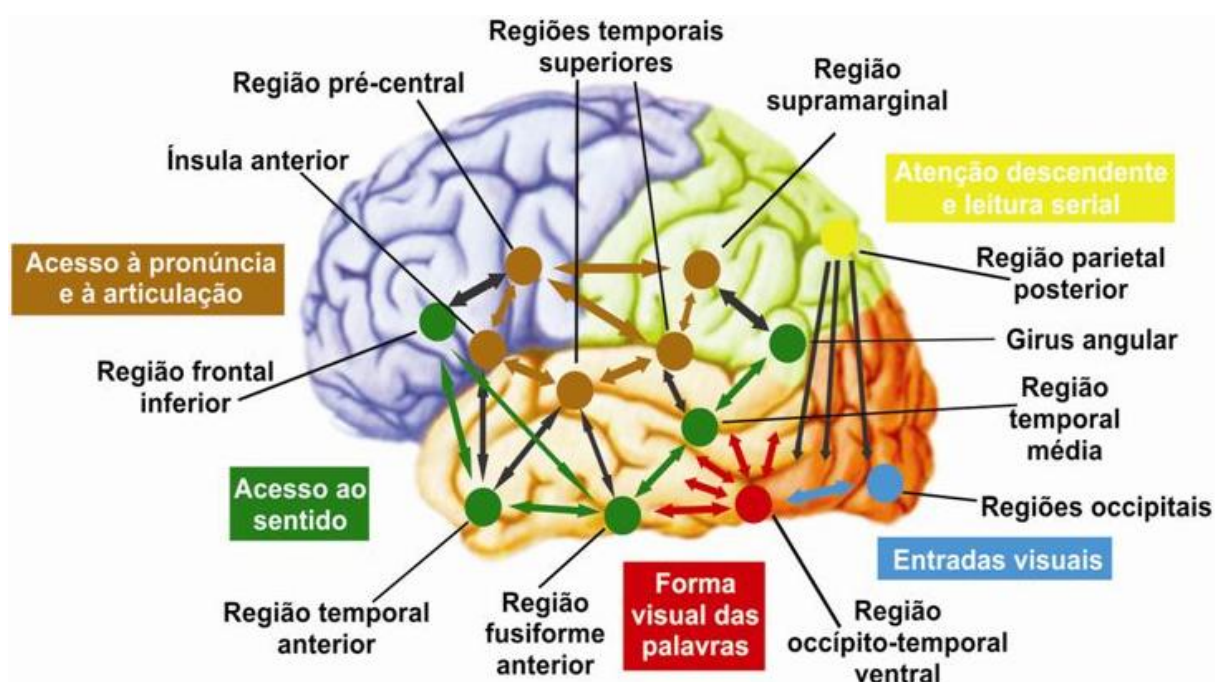
Sendo a maior dificuldade para uma criança se alfabetizar o fato dela perceber a fala como um contínuo, é preciso que você ajude a analisar conscientemente a fala, desmembrando a cadeia de palavras, essas em sílabas e, o que é mais difícil, separar as consoantes das vogais. Essa aprendizagem, que se chama consciência fonológica, só é possível, num contexto lúdico, associando cada fonema a um grafema (uma ou duas letras), mostrando que, mudando um fonema por outro (igualmente seu grafema por outro), as palavras mudam de significado (SCLIAR, 2013, p.14)

Desse modo, pensando na diminuição das altas taxas de analfabetismo funcional no Brasil, bem como na produção de indicadores satisfatórios da proficiência em leitura e escrita, Scliar elaborou um roteiro de métodos e atividades para o pedagogo que atua no 1º ano. Este manual objetiva preparar o professor alfabetizador para trabalhar os traços que diferenciam as letras de maior complexidade.

O cérebro da criança é extremamente estruturado: herdamos de nossa evolução redes cerebrais especializadas para processar a visão, os rostos, a linguagem falada, os números e muitas outras linguagens especificamente humanas. Tal processamento é possível graças à reciclagem neuronal, pela qual os neurônios humanos são capazes de aprender, através da reorientação dos sistemas cerebrais para símbolos novos, pertencentes a cada cultura. A dificuldade da aprendizagem reflete a quantidade de reciclagem neuronal necessária.

O cérebro humano apresenta uma arquitetura, em que as várias funções de cada subsistema estão articuladas, como é exemplo o subsistema da leitura, apresentado na Figura 1. Nela podemos observar a área das entradas visuais, na região occipital, onde são processados os sinais luminosos; a região occipito temporal ventral esquerda, por mim denominada de “caixa das letras”, onde se dá o reconhecimento da palavra escrita; os circuitos que envolvem o processamento da imagem acústica da fala até as regiões que processam o significado e, finalmente, os circuitos que processam as informações correspondentes aos gestos motores relativos à produção da fala.

Figura 01 - Arquitetura Cerebral para Leitura



3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS

Resultados recentes, divulgados sobre a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) por Foraque (2016), comprovam a ineficácia das políticas públicas no que tange à alfabetização. Para se chegar a essa constatação, são necessárias algumas informações complementares, como se verá a seguir. A ANA “é uma avaliação externa que objetiva aferir os níveis de alfabetização e letramento em Língua Portuguesa (leitura e escrita) e Matemática dos estudantes do 3º ano do ensino fundamental das escolas públicas” (INEP, 2013, p.1).

A Anresc (Prova Brasil) / Aneb e a ANA são avaliações elaboradas a partir de matrizes de referência. Os conteúdos associados a competências e habilidades desejáveis para cada série e para cada disciplina foram subdivididos em partes menores, cada uma especificando o que os itens das provas devem medir – estas unidades são denominadas "descritores". Esses, por sua vez, traduzem uma associação entre os conteúdos curriculares e as operações mentais desenvolvidas pelos alunos. Os descritores, portanto, especificam o que cada habilidade implica e são utilizados como base para a construção dos itens de diferentes disciplinas.

As matrizes da Anresc (Prova Brasil) / Aneb e da ANA não englobam todo o currículo escolar e não devem ser confundidas com procedimentos, estratégias de ensino ou orientações metodológicas, já que o recorte da avaliação só pode ser feito com base em métricas aferíveis.

Com base nesses pressupostos, a matriz de Língua Portuguesa está organizada em dois eixos estruturantes: o da Leitura e o da Escrita, abrangendo diferentes níveis que vão desde a avaliação da leitura e escrita de palavras até a avaliação da leitura e da escrita de textos, incluindo-se um conjunto de conhecimentos e habilidades linguísticas necessárias à proficiência na leitura e na escrita, esperadas para a faixa etária à qual o instrumento se destina, alunos de 7 e 8/9 anos de idade. Considera-se que, dentre os conhecimentos e habilidades a serem avaliados, o peso maior está nas habilidades de compreensão e escrita de textos, e não nos conhecimentos relativos ao uso das correspondências som-grafia na leitura e escrita de palavras isoladas.

Quadro 01 - Matriz de Língua Portuguesa - Leitura

EIXO ESTRUTURANTE	HABILIDADE
LEITURA	H1. Ler palavras com estrutura silábica canônica
	H2. Ler palavras com estrutura silábica não canônica
	H3. Reconhecer a finalidade do texto
	H4. Localizar informações explícitas em textos
	H5. Compreender os sentidos de palavras e expressões em textos
	H6. Realizar inferências a partir da leitura de textos verbais
	H7. Realizar inferências a partir da leitura de textos que articulem a linguagem verbal e não verbal
	H8. Identificar o assunto de um texto
	H9. Estabelecer relações entre partes de um texto marcadas por elementos coesivos

Quadro 02 - Matriz de Língua Portuguesa - Escrita

Marcadas por elementos escritos	
EIXO ESTRUTURANTE	HABILIDADE
ESCRITA	H10. Grafar palavras com correspondências regulares diretas
	H11. Grafar palavras com correspondências regulares contextuais entre letras ou grupos de letras e seu valor sonoro
	H12. Produzir um texto a partir de uma situação dada

A escala de proficiência apresenta níveis e descreve o que alcançar em cada nível, o que dá um norte ao trabalho do professor alfabetizador. O Quadro 03 apresenta um modelo desses níveis:

Quadro 03 - Proficiência em escrita SAEB/ANA 2016

ESCRITA — SAEB/ANA 2016 – DESCRIÇÃO DA ESCALA DE PROFICIÊNCIA		
NÍVEL	Descrição do Níveis	
NÍVEL 1 ELEMENTAR	INSUFICIENTE	Em relação à escrita de palavras, os estudantes que se encontram neste nível provavelmente não escrevem as palavras ou estabelecem algumas correspondências entre as letras grafadas e a pauta sonora, porém ainda não escrevem palavras alfabeticamente. Em relação à produção de textos, os estudantes provavelmente não escrevem o texto ou produzem textos ilegíveis.
NÍVEL 2 ELEMENTAR		Em relação à escrita de palavras, os estudantes que se encontram neste nível provavelmente escrevem alfabeticamente palavras com trocas ou omissão de letras, alterações na ordem das letras e outros desvios ortográficos. Em relação à produção de textos, os estudantes provavelmente não escrevem o texto ou produzem textos ilegíveis.
NÍVEL 3 ELEMENTAR		Em relação à escrita de palavras, os estudantes que se encontram neste nível provavelmente escrevem ortograficamente* palavras com estrutura silábica consoante-vogal, apresentando alguns desvios ortográficos em palavras com estruturas silábicas mais complexas. Em relação à produção de textos, provavelmente escrevem de forma incipiente ou inadequada ao que foi proposto ou produzem fragmentos sem conectivos e/ou recursos de substituição lexical e/ou pontuação para estabelecer articulações entre partes do texto. Apresentam ainda grande quantidade de desvios ortográficos e de segmentação ao longo do texto.

*Em acordo com a ortografia da norma padrão

O procedimento metodológico utilizado para a realização deste trabalho se baseou em pesquisas bibliográficas na pesquisa de artigos por meio do banco de dados, CAPES artigos científicos, Revista Linguagem e Letramento em Foco e do livro Aspectos da Leitura. Uma perspectiva psicolinguística.

A seleção inicial dos artigos foi realizada com base em seus títulos e resumos, e quando relacionados ao assunto, buscou-se o texto completo, todos foram candidatos à inclusão, não havendo critério de exclusão. Também foi feita a análise da proficiência segundo a ANA- 2016, por meio de tabela.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chamamos esse momento de algumas considerações, por ainda faltar muito caminho a percorrer, principalmente, quando se trata de Alfabetização no Brasil. E como a aprendizagem não é feita de certezas, mas de inquietações, de crises e dúvidas que nos projetam às novas descobertas, constatamos que ainda há muito a saber sobre a problemática que envolve o processo de Alfabetização, Letramento e as novas perspectivas de ensino no século XXI.

Uma das dificuldades enfrentadas pelos profissionais de Educação Infantil no ciclo de alfabetização é a de melhorarem a eficiência em leitura dos alunos. Um desempenho favorável na habilidade de leitura é indispensável não só para a aquisição do letramento mas, para o bom desempenho do aluno em outras áreas do conhecimento.

Nesse sentido, professores entusiasmados e cheios de esperanças para que seus alunos aprendam o mínimo que se espera à sua fase de desenvolvimento cognitivo, adotam diversos métodos que buscam chegar a um resultado e possibilite a melhoria dos índices de aprendizagem, principalmente, referentes as avaliações externas que medem os níveis de alfabetização e letramento de Língua Portuguesa e Matemática, a exemplo da ANA.

Em consonância a esta preocupação docente com os baixos desempenhos e as altas taxas de analfabetismo funcional, Scliar (2009), discute sobre todos os esforços e práticas desenvolvidas por professores e pesquisadores para alavancar os déficits do processo de alfabetização.

O Sistema Scliar de Alfabetização é fundamentado nos avanços da neurociência e seu objetivo é fomentar o debate sobre a alfabetização e alargar as possibilidades de letramento a partir das teorias da neurociência, considerando o amadurecimento cognitivo, fônico e educacional da criança/aluno.

As teorias das neurociências estão baseadas nas afirmações de que não se alfabetiza sem fundamentos. Esses fundamentos propõem ao alfabetizador, entendimentos de como o cérebro de uma pessoa que não tenha dificuldades em aprender, ou seja, não apresente distúrbios de atenção ou dislexia, reage a cada informação nova. E de que maneira esses

profissionais devem introduzir na vida dos alunos as primeiras letras, os primeiros grafemas e fonemas até conseguirem que as crianças leiam fluentemente e consigam entender o que lêem.

Este Sistema Scliar, vem surtindo efeitos positivo nas escolas onde está sendo implantado e desenvolvido sob orientações da própria autora, a saber, na cidade de Lagarto, situada na região centro-sul do Estado de Sergipe, onde a pesquisadora, Leonor Scliar-Cabral, firmou parceria entre a Secretaria Municipal de Educação de Lagarto e a Universidade Federal de Sergipe, representada esta última pela professora Doutora Mariléia Silva Reis. Essa parceria concerne na oferta de um curso de formação para os professores alfabetizadores da rede municipal de Lagarto. Pretende-se com essa parceria obter, além da alfabetização na idade certa, a melhoria dos escores referentes a Provinha ANA e diminuir as altas taxas de analfabetismo funcional nesta rede de ensino.

A professora Jacqueline S. Nascimento, que hoje leciona na turma do 2º ano na Escola Municipal “ Raimunda Reis”, no ano de 2018, na cidade de Lagarto, é uma das pioneiras a implantar o SSA (Sistema Scliar de Alfabetização). Desde o ano de 2017, quando ensinava o 1º ano, introduziu o SSA em sua sala de aula e relatou em conversa informal e em relatório à professora Leonor Scliar –Cabral os efeitos positivos a metodologia implantadas em cada unidade. Os resultados, segundo a professora, foram notáveis logo nos primeiros meses e a docente acrescenta ainda, que os alunos concluíram o ano letivo lendo com fruição e contentamento.

Ao seguir as orientações de como apresentar as letras, obedecendo a ordem de menor para maior complexidade, aplicando o som aos grafemas e fonemas, fazendo o reconhecimento tátil da letra, diferenciando a aquisição oral e a aprendizagem da escrita, as crianças, seguramente, vão obter melhor entendimento da palavra que uma vez processada em seu cérebro, jamais será desprezada. Vale destacar ainda, a importância da criatividade na atuação do professor no momento de transmitir a informação para a criança e na hora de escolher a melhor metodologia para ensinar os conteúdos.

Desse modo, como visto no decorrer desse trabalho, faz -se mister destacar, que mesmo com tantos métodos apresentados, ao longo da história da educação, cada educador deve ter consciência sobre o qual adotar, o qual se adequa melhor no perfil de sua turma e a convicção de que não há limite cognitivo, uma estabilidade, mas sucessivos progressos? Desse modo, é essencial que os docentes, especificamente vivam em constante formação e busca de saberes. A atuação do educador no processo de ensino aprendizagem deve estar centrado em princípios de sensibilidade e compromisso ao aspecto, não menos importante, de conhecer o acervo cultural e histórico no qual o educando está inserido.

Constatamos, ao finalizar este breve percurso sobre a Alfabetização as benesses da leitura, na qual podemos interagir e desfrutar com criticidade do pensamento dos outros, enquanto que adentrar no mundo da escrita comunicamos com autonomia e criatividade, exercendo a habilidade do letramento e sua função social.

Por tudo isso, é indispensável que se alfabetize letrando, ou seja, que possibilite o ensino da leitura e da escrita a partir do mundo vivenciado, criando um agradável vínculo através de práticas reais, contextualizadas e significativas, acreditando que todos têm possibilidades de aprimoramento e dependemos uns dos outros para projetarmos um futuro promissor para a Alfabetização no Brasil.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Avaliação nacional da alfabetização (ANA): documento básico. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2013. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/saeb/2013/livreto_ANA_online.pdf>. Acessado em 02/02/2018.

FERRARO, A.R. Analfabetismo no Brasil: tendência secular e avanços recentes. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 52, p. 35-49, 1985. FERREIRO

FERREIRO, E. **Com todas as Letras**. 4ª edição. São Paulo: Editora Cortez, 1993.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GROSSI, E. P. **Didática d e alfabetização**. Volumes 1, 2 e 3. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1990.

INEP -**Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. Ministério da Educação. Disponível em:<<http://www.enem.inep.gov.br/>>. Acessado em março de 2018.

PÉREZ, Francisco Carvajal e GARCÍA, Joaquim Ramos. **A alfabetização como meio de recriar a cultura**. In: PÉREZ, Francisco Carvajal & GARCÍA, Joaquim Ramos (org). Ensinar ou aprender a ler e a escrever? Porto Alegre: Artmed, 2001.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995. São Paulo, Contexto, 2008.

_____. A. B. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. Campinas, São Paulo, 9ª Edição, 2004.

_____. A. B. **Preciso ensinar Letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Cefiel/IEL/Unicamp, 2005-2010.

Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: Currículo na alfabetização: concepções e princípios: ano 1: unidade 1 /Ministério da Educação**. Brasília: MEC, SEB, 2012.

Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: 1.Parâmetros curriculares nacionais. 2. Língua portuguesa: Ensino de primeira à quarta série. I.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, 2003.

_____. M. **Letramento: Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SCLIAR-CABRAL, L. **Sistema Scliar de alfabetização: fundamentos**. Florianópolis: Lili, 2013.